

**Crise de confiança leva Lula a demitir comandante do Exército**

# 'FRATURA NA CONFIANÇA'

## Irritado com acampamento no QG e atos golpistas, Lula troca comando do Exército

JUSSARA SOARES, BRUNO GÓES,  
JENIFFER GULARTE, PAULA  
FERREIRA E GABRIEL SABÓIA  
paula@globo.com  
BRASILIA

**E**m meio a uma crise de confiança com as Forças Armadas, instigada pelos atos golpistas de 8 de janeiro, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva demitiu ontem o comandante do Exército, general Júlio Cesar de Arruda, que assumira o cargo há menos de um mês. O posto será ocupado pelo comandante militar do Sudeste, general Tomás Miguel Ribeiro Paiva, que na semana passada condenou a ação de extremistas e defendeu o "respeito ao resultado das urnas".

Lula estava em Boa Vista quando a troca veio a público e desembarcou em Brasília no fim da tarde. No início da noite, reuniu-se no Planalto com os ministros da Defesa, José Múcio, e da Casa Civil, Rui Costa, além do novo chefe do Exército. Em um breve pronunciamento após o encontro, Múcio resumiu a situação como uma "fratura no nível de confiança".

— Estamos investindo, mais uma vez, na aproximação das Forças Armadas com o governo. Depois desses últimos episódios, a questão dos acampamentos, do dia 8 de janeiro, as relações, principalmente, do comando do Exército sofreram uma fratura no nível de confiança. Precisávamos estancar isso de início, para superar esse episódio — disse o ministro da Defesa.

Arruda já vinha em situação delicada por, na visão de integrantes do governo, ter protelado a desocupação do acampamento em frente ao Quartel-geral do Exército, em Brasília. Bolsonaristas radicais saíram deste agrupamento para invadir o Palácio do Planalto, Congresso e Supremo Tribunal Federal (STF) há duas semanas — foi no mesmo local que um dos presos pelo plano frustra-



Relação. Lula cumprimenta o general Tomás Miguel Ribeiro Paiva, novo comandante do Exército: mudança ocorre após uma série de desgastes com as Forças

do de atentado a bomba na capital diz ter recebido o explosivo, que foi implantado em um caminhão e desativado por policiais.

Aliados de Lula avaliam também que, após o ataque à Praça dos Três Poderes, Arruda não vinha contribuindo para o processo de pacificação entre o presidente e a caserna. Era esperada ainda uma postura mais incisiva condenando a ação do grupo extremista, o que não ocorreu. Um episódio mais recente agravou a situação e foi o estopim para a exoneração. Arruda vinha resistindo a revogar a designação do ex-ajudante de ordens de Jair Bolsonaro, o tenente-coronel Mauro Cid, para comandar o 1º Batalhão de Ações e Comandos, uma unidade de Operações

Especiais sediada em Goiânia. Cid foi escolhido para o posto em maio, durante a gestão anterior, mas só assumiria a nova função em fevereiro. O Planalto já havia indicado que esperava que Arruda anulasse a nomeação.

O antigo auxiliar de Bol-

sonaro é filho do general Mauro Cesar Lourena Cid, que foi colega do ex-chefe do Executivo no curso de formação de oficiais do Exército. Ao longo do governo, ganhou espaço no Planalto, o que inclusive despertou ciúmes entre outros nomes próximos ao ex-presidente — um grupo criticava Cid por dar opiniões em diversas áreas da administração.

Múcio, segundo a colunista Bela Megale, do GLOBO, vinha resistindo a fazer a troca, por acreditar que a medida poderia elevar mais as turbulências. Ele foi votado vencido, no en-

tanto, e a mudança no Exército foi sacramentada um dia depois de Lula ter se reunido com os comandantes das três Forças, Arruda entre eles, no Planalto. Na ocasião, porém, a conversa girou em torno de propostas de modernização de Exército, Marinha e Aeronáutica.

Arruda chegou ao comando do Exército em 30 de dezembro em meio à desconfiança de integrantes do governo e do Judiciário. O general era visto como uma pessoa alinhada ao ex-presidente Jair Bolsonaro. Coube a Múcio trabalhar para tentar desarmar essa resistência. Uma ala defendia que o general Tomás Paiva, escolhido ontem, tivesse sido nomeado desde o início.

— Eu fui ao Alexandre de Moraes (ministro do Supremo Tribunal Federal)

dizer que me responsabilizava pela escolha (de Arruda). Tenho absoluta certeza que fiz o certo. Arruda é uma pessoa comprometida com o Exército, oficial da Arma de Engenharia, respeitado por todos — afirmou Múcio em entrevista à GloboNews, logo após ser confirmado no cargo.

A largada do governo, no entanto, evidenciou que a tensão seguia em patamares elevados. Depois dos atos, Lula afirmou que houve convivência, inclusive de "gente das Forças Armadas", na invasão ao Planalto. Em entrevista à GloboNews, afirmou que militares interessados em fazer política deveriam "tirar a farda".

Esse coro foi engrossado pelo ministro da Casa Civil, Rui Costa, que também criticou duramente a inação dos militares em relação aos acampamentos golpistas diante do QG do Exército.

— É consenso que a atuação de militares esteve longe da eficiência — disse Costa em entrevista ao GLOBO.

**ALTO COMANDO REUNIDO**

Logo após ser informado da demissão, Arruda convocou o Alto do Comando do Exército para anunciar a saída. A reunião, chamadas às pressas, ocorreu por videoconferência. A demissão pegou os generais de surpresa, por ocorrer um dia após o encontro entre os comandantes das Forças e o petista. Depois da conversa com o presidente, Arruda relatou a interlocutores que o saldo havia sido positivo. Ontem, segundo o colunista Merval Pereira, do GLOBO, o general queixou-se aos integrantes do Alto Comando da decisão de Lula, mas não encontrou respaldo. Generais lembraram na conversa que, em março de 2021, Bolsonaro demitiu de uma vez só o ministro da Defesa (à época, Fernando Azevedo e Silva) e os comandantes de Exército, Marinha e Aeronáutica.



Fora. General Júlio Cesar de Arruda foi exonerado

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

**Seção:** Política **Página:** 4